

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ZÉ DOCA
CURSO DE LETRAS

ELIANE DE CASTRO DA SILVA
ERIKA RODRIGUES SOUSA BATISTA
LIGIA MILENE GOVEIA CUTRIM

**O CONTO DE LYGIA BOJUNGA “O BIFE E A PIPOCA” COMO INSTRUMENTO
DE LEITURA**

Zé Doca
2022

**ELIANE DE CASTRO DA SILVA
ERIKA RODRIGUES SOUSA BATISTA
LIGIA MILENE GOVEIA CUTRIM**

**O CONTO DE LYGIA BOJUNGA “O BIFE E A PIPOCA” COMO INSTRUMENTO
DE LEITURA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Letras da Universidade Estadual do
Maranhão para o grau de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Profa. Esp. Andreza Luana Silva
Barros

Zé Doca

2022

Silva, Eliane de Castro da.

O conto de Lygia Bojunga “O bife e a pipoca” como instrumento de leitura / Eliane de Castro da Silva, Erika Rodrigues Sousa Batista, Lígia Milene Goveia Cutrim. - Zé Doca, MA, 2022.

58 f

TCC (Graduação) – Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Centro de Estudos Superiores de Zé Doca, Universidade Estadual do Maranhão, 2022.

Orientadora: Profa. Esp. Andreza Luana da Silva Barros.

1.Leitura. 2.Literatura infantojuvenil. 3.Contos. 4.Lygia Bojunga. I.Batista, Erika Rodrigues Sousa. II.Cutrim, Lígia Milene Goveia, III.Título.

CDU: 82-34:028.4

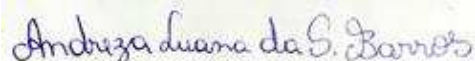
**ELIANE DE CASTRO DA SILVA
ERIKA RODRIGUES SOUSA BATISTA
LIGIA MILENE GOVEIA CUTRIM**

**O CONTO DE LYGIA BOJUNGA “O BIFE E A PIPOCA” COMO INSTRUMENTO
DE LEITURA**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Curso de Letras da
Universidade Estadual do Maranhão para
o grau de Licenciatura em Letras.

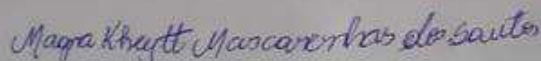
Aprovado em: 04/08/2022

BANCA EXAMINADORA



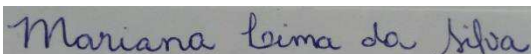
Profa. Esp. Andreza Luana Silva Barros (Orientadora)

Especialista em Literatura Portuguesa e Brasileira
Instituto de Ensino Superior Franciscano



Profa. Esp. Magna Kheytt Mascarenhas dos Santos

Especialista em Ensino de Língua Inglesa e Portuguesa
Instituto de Ensino Superior Franciscano



Profa. Me. Mariana Lima da Silva

Mestre em Letras
Universidade Federal do Maranhão

À nossa família pelo apoio e compreensão durante todo este percurso e a Deus, pois “O Senhor é justo em todos os seus caminhos e bondoso em tudo o que faz”. (Salmos 145:17)

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, primeiramente, a Deus por nos oferecer o dom da vida e estar conosco em todos os momentos.

Aos nossos pais, que sempre acreditaram em nosso potencial e nos incentivaram a não desistir.

Aos nossos colegas de classe, com quem compartilhamos boas memórias e que jamais serão esquecidos.

Aos nossos professores, pelo conhecimento compartilhado durante essa jornada e à nossa orientadora pelo apoio e paciência.

“Por vezes sentimos que aquilo que fazemos não é senão uma gota de água no mar. Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota”.

Madre Teresa de Calcutá

RESUMO

Sabe-se que o contato com textos que refletem o cotidiano e a realidade em que vivemos pode contribuir no processo de aprendizagem dos estudantes. O leitor tende a se sentir mais atraído por obras com as quais ele se identifica de alguma forma, deste modo o trabalho com a Literatura Infantojuvenil objetiva promover a relação entre o texto lido e os estudantes, visto que essa literatura tem como público alvo as crianças e os jovens, recorrendo a protagonistas nessa faixa etária e aos conflitos enfrentados por eles. O presente trabalho visa compreender como o conto “O bife e a pipoca” pode ser usado na sala de aula para auxiliar na superação do dilema que persiste nas escolas mesmo que sejam comuns os debates sobre ele, a pouca leitura entre os estudantes. No decorrer da pesquisa, de abordagem quali-quantitativa, foi aplicado um projeto de leitura com os alunos do nono ano da Escola Municipal Professor José Gonçalves dos Santos. Como aporte teórico, foram utilizados estudiosos da área como Abramovich (1997), Antunes (2009), Cademartori (2012), Freire (2003), Lajolo (2001), Silva (2005) e Souza (2006), entre outros. Escolhemos trabalhar com o gênero conto, a partir de uma roda de leitura em sala de aula, desenvolvendo a interação e a descontração entre os alunos. O trabalho indica que quando os estudantes se interessam pelo texto lido e quando eles têm mais liberdade durante a leitura, ela flui mais facilmente. Um conto, como o que foi trabalhado durante o presente trabalho tem mais chance de atrair o aluno que não têm muito o costume de ler, pois fala sobre a amizade, um tema atual e interessante ao público da pesquisa.

Palavras-chave: Contos. Leitura. Literatura Infantojuvenil. Lygia Bojunga.

ABSTRACT

It is known that contact with texts that reflect daily life and the reality in which we live can contribute to the student's learning process. The reader tends to feel more attracted by works with which he identifies in some way. In this way, the work with Children's and Teenage Literature aims to promote the relationship between the text read and the students, since this literature has children and youngsters as its target audience, resorting to protagonists in this age group and the conflicts faced by them. The present work aims to understand how the short story "O bife e a pipoca" can be used in the classroom to help overcome the dilemma that persists in schools even though debates about it are common, and little reading among students. In the course of the research, with a quali-quantitative approach, a reading project was applied with of ninth-grade students at Escola Municipal Professor José Gonçalves dos Santos. As a theoretical contribution, scholars in the area such as Abramovich (1997), Antunes (2009), Cademartori (2012), Freire (2003), Lajolo (2001), Silva (2005) and Souza (2006), among others, were used. We chose to work with the short story genre, starting with a reading circle in the classroom, developing interaction and relaxation among students. The work indicates that when students are interested in the text read and when they have more freedom during reading, it flows more easily. A short story, such as this one that was worked on during the present work has more chances of attracting a student that doesn't have the habit of reading, as it talks about friendship, a current and interesting theme to the research public.

Key words: Short stories. Reading. Children's Literature. Lygia Bojunga.

LISTA DE FIGURAS

figura 1 - Capa do livro Tchau.....	34
-------------------------------------	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - com que frequência você costuma ler por prazer, durante a semana? ...	39
Gráfico 2 - quantos livros você leu nos últimos dois anos?	40
Gráfico 3 - para você qual é a importância da leitura?	41
Gráfico 4 - você gostaria de mais momentos de leitura compartilhada com seus colegas?	42
Gráfico 5 - você conhece a autora lygia bojunga?	43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - o que você mais gostou do conto?	44
Tabela 2 - sobre seus hábitos de leitura complete: eu leria mais se.....	46
Tabela 3 - sobre seus hábitos de leitura complete: eu não gosto de ler quando.....	49

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA	15
2.1 A leitura segundo os PCNs de Língua Portuguesa.....	18
2.2 O papel da escola e da família no processo de incentivo à leitura	20
3 LITERATURA INFANTOJUVENIL	23
3.1 A Literatura Infantojuvenil no Brasil	24
3.2 A relação escola e Literatura Infantojuvenil.....	26
4 O GÊNERO CONTO	28
4.1 O conto “O bife e a pipoca”	29
4.2 A contista Lygia Bojunga	32
5 METODOLOGIA	36
5.1 Caracterização da pesquisa.....	36
5.2 Instituição da pesquisa	37
5.3 Instrumento de coleta de dados	37
5.4 Sujeito da pesquisa.....	37
5.5 Procedimentos metodológicos.....	38
6 RESULTADOS E DISCUSSÕES	39
6. 1 Análise dos questionários	39
7 CONCLUSÃO	52
REFERÊNCIAS	54
ANEXOS	57
ANEXO A – Alunos durante a roda de leitura	58
ANEXO B – As autoras do trabalho	58

1 INTRODUÇÃO

O Brasil vive um momento de diminuição no número de leitores, como constatado na última pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2020), na qual fica comprovado que o país perdeu de 4,6 milhões de leitores entre os anos 2015 e 2019. Apesar dos esforços de muitos educadores, as escolas sempre tiveram dificuldade em democratizar a leitura e auxiliar na construção do hábito de ler dos seus alunos.

Diante desse cenário, justificamos a necessidade de trabalhar com o estímulo à leitura, pois temos ciência de que só através dela o ser humano pode se desenvolver plenamente, tanto no sentido individual quanto no coletivo.

Observa-se que muitos professores e acadêmicos, ao criar projetos de leitura, são considerados repetitivos, no entanto o incentivo à leitura deve ser uma presença constante na sala de aula, visto que, há muitos alunos que sentem dificuldade em ler, interpretar e conseqüentemente, escrever textos. Muitos não veem na leitura uma fonte de prazer, de descanso, de diversão e acabam perdendo o interesse por ela.

A escola é umas das partes envolvidas neste desencontro. Podemos relacionar isso, ao uso de métodos nos quais o ensino é mais didático que literário. No componente curricular de Língua Portuguesa por exemplo, o texto serve mais como instrumento para o ensino da gramática do que para o estudo do texto em si, da sua estrutura, da subjetividade do seu autor e da sua construção histórica e social. Entendemos isso como um problema para o qual devemos buscar soluções. É preciso entender que há a necessidade de despertar o interesse dos alunos por meio de leituras agradáveis, que possam levá-los a refletir e discutir acerca do texto lido.

A problemática desta pesquisa pretende entender como a Literatura Infantojuvenil, especificamente o conto “O bife e a pipoca” de Lygia Bojunga pode ser trabalhado em sala de aula. Esperamos que esse trabalho amenize a situação que nos deparamos constantemente, alunos que não tem alegria nenhuma em ler, visto isso, queremos proporcionar uma leitura prazerosa e que aproxime o leitor do conto.

Mediante o exposto, nosso trabalho tem como objetivo geral compreender como o conto “O bife e a pipoca” pode ser usado na sala de aula para auxiliar na superação do dilema que persiste nas escolas mesmo que sejam comuns os debates sobre ele, a pouca leitura entre os estudantes.

Os nossos objetivos específicos são: apresentar aos alunos, a autora Lygia Bojunga e seu conto “O bife e a pipoca”; relacionar a leitura do conto com as

experiências, bem como os conhecimentos prévios dos estudantes para auxiliar a interpretação do texto.

Escolhemos trabalhar com “O bife e a pipoca” por considerarmos ele um conto de fácil entendimento, que contém uma linguagem bem acessível, além de possuir conflitos verossímeis na vida de seus jovens leitores. A obra também traz eventos que podem viabilizar uma reflexão maior, como diferenças sociais, a exploração infantil, além das péssimas condições sanitárias e de moradias que são constantes na vida das milhares de pessoas que moram nas comunidades mais carentes do Brasil.

Estrutturamos o nosso trabalho da seguinte maneira: no capítulo dois, de título “A importância da leitura”, discutimos sobre a importância do hábito de ler e conseqüentemente, do incentivo à leitura, assim como o papel que tanto a família quanto a escola desempenham na construção dessa prática, também expomos um pouco a respeito do que é dito sobre esse tema nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

No capítulo três, intitulado “Literatura Infantojuvenil”, trazemos alguns critérios usados para definir o que é a Literatura Infantojuvenil (LIJ), assim como seus conceitos, também discorremos um pouco sobre o percurso dessa literatura no Brasil e a sua estreita ligação com as escolas.

No capítulo quatro, intitulado “O gênero conto”, apresentamos o conceito do gênero, uma breve análise do conto “O bife e a pipoca”, texto escolhido como instrumento desse trabalho, posteriormente, falamos sobre sua autora, Lygia Bojunga, consagrada e reconhecida como umas das maiores escritoras da LIJ.

No capítulo cinco, da metodologia, expomos a natureza e os métodos utilizados no nosso trabalho. Em seguida, no capítulo seis, analisamos os dados e os resultados que obtivemos e por último apresentamos as nossas conclusões.

2 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA

O processo da introdução à leitura inicia antes mesmo da criança entrar na escola, como citado por Abramovich (1997, p.16) quando afirma que “O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através, da voz da mãe, do pai, ou dos avós, contando contos de fadas, trechos da Bíblia, histórias inventadas (tendo as crianças ou os pais como personagens)”.

Devemos lembrar que ler não é apenas decifrar um código, ler no seu sentido mais completo, deve estar estritamente ligado a entender o que estamos lendo, e para fazer isso necessitamos mais do que ter apenas o conhecimento linguístico necessário para decifrar as palavras das frases e as frases do texto.

Freire (2003, p.11) declara que "a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquela". Vale salientar que ao fazermos a leitura do mundo estamos dando um significado para aquilo que está ao nosso redor, ampliando a visão simples que temos das coisas, refletindo sobre nossas escolhas e produzindo experiências que irão nos acompanhar durante toda a vida. Mendes (2020, p.38) define leitura de mundo como a “capacidade de a criança olhar à sua volta e interpretar o que vê, atribuir sentidos, fazer analogias e deduções, compreender os seus estados emotivos e o que se originam, perceber-se enquanto pessoa e perceber seu lugar no mundo”. A leitura sempre vai contribuir para a expansão desse conhecimento, afinal, nunca somos os mesmos depois de concluir uma nova leitura, sempre temos uma nova experiência ou aprendemos algo novo, mesmo quando achamos que não.

O homem e a leitura sempre estiveram ligados, visto que, o ser humano sempre sentiu necessidade de procurar e espalhar as explicações sobre o mundo ao seu redor, Cavalcanti relata que:

Ler sempre representou uma das ligações mais significativas do ser humano com o mundo. Lendo reflete-se e presentifica-se na história. O homem, permanentemente, realizou uma leitura do mundo. Em paredes de caverna ou em aparelhos de computação, lá está ele reproduzindo seu “estar-no-mundo” e reconhecendo-se como capaz de representação. Certamente, ler é engajamento existencial. Quando dizemos ler, nos referimos a todas as formas de leitura. Lendo, nos tornamos mais humanos e sensíveis. (CAVALCANTI, 2002, p.13)

Desde sempre o homem buscou disseminar para outros povos as explicações encontradas para a existências das coisas, do fogo, da noite, etc. Foi assim já nas

pinturas rupestres, nas quais o homem retrata seu dia a dia, seus costumes e sua cultura através de imagens que se destinavam a serem lidas por outros povos e outras épocas. É nessa necessidade de espalhar sua cultura que o homem se torna protagonista da história.

Se o homem utilizou da leitura para conhecer o mundo do outro, ele também usou da escrita para divulgar o seu, esses são dois conceitos inseparáveis, escrita e leitura. Sobre ambas, os Parâmetros Curriculares Nacionais destacam que “a leitura e a escrita são práticas complementares” (PCNs, 1997, p.40), isso não significa que automaticamente alguém que ler bem, vai escrever bem, quase sempre isso acontece, mas não é de regra. A importância maior vai estar no conteúdo a ser escrito, afinal, quem consegue escrever sobre algo que não conhece? E a leitura é uma fonte infinita de conhecimento, seja ele obtido em uma pesquisa direcionada, sobre um assunto que queremos entender e pesquisamos, ou de forma involuntária, quando lemos algo na busca de um outro objetivo, mas fica guardado na nossa mente.

No entanto, para que essa fonte de conhecimento ilimitado seja bem apreciada é preciso que se formem leitores competentes, no sentido que seja alguém capaz de ir além da decifração das letras, além até mesmo do entender o que foi lido, é preciso formar leitores que consigam “ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos” (PCNs, 1997, p.41).

Ainda dando destaque a escrita e conseqüentemente a leitura, Cosson (2021, p.16) é bem preciso quando afirma que “praticamente todas as transações humanas de nossa sociedade letrada, passam de uma maneira ou de outra, pela escrita, mesmo aquelas que aparentemente são orais ou imagéticas.” A escrita e a leitura sempre estão presentes em tudo, ao assistirmos uma série ou um filme, temos as opções de legendas, as duas também estão presentes nas preparações de espetáculos como *shows*, peças teatrais ou o circo.

E quando a palavra sai de cena, entram as leituras imagéticas, como as interpretações que fazemos ao admirar uma obra no museu, ou o conhecimento que precisamos ter para entender os semáforos e os sinais não verbais em geral.

Não podemos esquecer de outro conceito social do homem que só pode funcionar de maneira plena através da leitura, a cidadania. É na leitura que o indivíduo fica a par dos seus direitos e dos seus deveres como cidadão, segundo Silva (2005):

a prática da leitura é um princípio de cidadania, ou seja, o leitor cidadão, pelas diferentes práticas de leitura, pode ficar sabendo quais são suas obrigações e também pode defender os seus direitos, além de ficar aberto as conquistas de outros direitos necessários para uma sociedade justa, democrática e feliz. (SILVA, 2005, p.25)

Chegamos também ao atual embate: política *vs fake News*. Se o homem não ler, ele não desenvolve sua capacidade crítica de entender o que é real e o que é mentira, logo não consegue saber como seu país está sendo verdadeiramente governado, e é aí que a democracia perde espaço.

Todavia se a leitura sempre teve papel fundamental em todos os aspectos da vida do homem, o abismo entre homem e leitura continua grande e crescente. E os estudiosos seguem fazendo pesquisas, teorias e projetos sobre a raiz do problema e como amenizá-lo, visando um dia solucioná-lo.

É de consenso desses estudiosos que a família tem um grande impacto na formação leitora do cidadão. Partindo do pressuposto que o primeiro contato da criança com algum tipo de texto, é que Abramovich defende que é muito importante para a formação do leitor escutar histórias desde cedo, porque “escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e compreensão de mundo...” (ABRAMOVICH, 1997, p.16)

Na busca da superação do abismo entre homem e leitura, Cavalcanti (2002) alega que primeiramente é:

[...] necessário um profissional que goste de ler, mas que também esteja preparado para lidar com crianças e jovens. Que tenha uma noção da Literatura infanto-juvenil, tanto do ponto de vista teórico quanto a conhecimento das obras destinadas ao público infanto-juvenil. (CAVALCANTI, 2002, p.79)

A estudiosa continua dizendo que “não adianta ter salas-ambientes, com músicas, almofadas e janelas, se não se possui um profissional que seja absolutamente apaixonado e encantado pelo mundo do faz-de-conta” (CAVALCANTI, 2002, p.79). Fica claro a necessidade de romper o ciclo de erros ou equívocos na introdução das crianças ao mundo da leitura, visto que, são algumas dessas crianças que vão crescer, se tornar professores e terão como uma de suas funções, incentivar a leitura dos novos estudantes. Precisamos de professores que realmente valorizem o livro e entendam a sua importância, não basta ter um ambiente preparado,

precisamos também de profissionais aptos que possam transmitir a sua paixão para o outro.

Os PCNs também destacam esse traço para o profissional que trabalha com a leitura em sala de aula pois se ele “[...] tem boa e prazerosa relação com a leitura, se gosta verdadeiramente de escrever, funcionará como um excelente modelo para seus alunos.” (PCNs, 1997, p.38) E as vezes é disso que um estudante precisa, um modelo, alguém para se inspirar e conversar sobre suas leituras, suas escritas, e muitas vezes o professor é o único referencial de adulto que gosta e as pratica fora da escola, sendo assim, o único adulto com o hábito de ler com quem eles têm contato.

Para introduzir uma criança no mundo da leitura, outro ponto primordial é ouvi-la, Silva (1999) alega que parece não haver dúvida quanto:

a maneira pela qual uma pessoa pensa um determinado processo (ler, escrever, participar, comunicar-se com ensinar, aprender, trabalhar, etc.) influencia diretamente as suas formas de agir quando esse processo for acionado na prática, em situações concretas de vida.” (SILVA, 1999, p.11)

Tendo em vista esse fato, é sempre importante conversar com a criança e ouvir qual a opinião dela sobre a leitura ou a escrita, para que se veja qual o real grau do desencontro entre as duas e elaborar estratégias adequadas. Se um estudante que está começando a ter contato com os livros achar que não precisa ler, que a leitura é algo insignificante, ou que ele só precisa aprender o básico, é quase certo que ele não vai tomar iniciativas de ler apenas pelo prazer daquela leitura. É preciso agir para a mudança dessa mentalidade, apontar e exemplificar todas as novas vivências, aprendizados e experiências que a leitura pode proporcionar.

Assim como é importante ouvir, é fundamental também respeitar as escolhas de leituras das crianças, para Mendes (2020, p.40) “qualquer atitude negativa quanto à escolha de um livro que a criança faz como sendo de sua preferência pode inviabilizar e comprometer a sua motivação pela leitura”. Descartar a escolha de leitura de crianças que ainda não têm o hábito de ler não é aconselhável a se fazer, já que elas só vão ler aquilo que as interessam, as encantam, que as cativam de alguma maneira.

2.1 A leitura segundo os PCNs de Língua Portuguesa

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) evidenciam o problema da leitura no Brasil, mais especificamente da interpretação do que se lê. Muitos estudantes, desde as séries iniciais até ao ensino superior, conseguem decifrar as letras e “ler” as palavras, as frases e os períodos. O desafio maior vem depois, quando esse estudante é questionado sobre o que ele leu, um grande número deles vai dizer que não sabe. Ou seja, o aluno até consegue decodificar as letras, porém não consegue saber e explicar o que ele leu.

Esse é um obstáculo muito grande para a vivência em sociedade e para a formação do pensamento crítico. Se uma pessoa não entende e não consegue pensar sobre o texto lido por si mesma, ela vai acreditar em tudo que lhe contam sobre aquilo. Partindo desse pressuposto, ela pode acabar caindo em golpes, muitas vezes considerados bobos, que seriam evitados facilmente com uma leitura atenta de uma mensagem de texto, de um *post*, até mesmo da estrutura dos textos de um *link*. Uma etapa inicial para a superação desse problema é o contato dessas pessoas, desde cedo, com todos os tipos de textos. Os PCNs preconizam que esse é um dos papéis da escola, proporcionar ao aluno o contato com uma variedade desses textos, sejam eles *online* ou não.

Os PCNs (1997, p.26) orientam que cabe “à escola viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los.” Segundo eles, como as aulas de Língua Portuguesa não costumam trabalhar textos de outras disciplinas, os alunos chegam nas outras aulas e não conseguem interpretar o que estão lendo, já que os professores das outras disciplinas não costumam trabalhar interpretação de texto. Nota-se que atualmente algumas editoras de livros didáticos tentam driblar esse obstáculo ao inserir nos livros de Língua Portuguesa textos de outras disciplinas, com objetivos de leitura, interpretações, discussões e até o ensino da gramática.

Sobre os primeiros livros que as crianças menores entram em contato, os parâmetros alertam que:

Não se formam bons leitores oferecendo materiais de leitura empobrecidos, justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita. As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma, a qualidade de suas vidas melhora com a leitura. (PCNs, 1997, p.29)

Os PCNs mostram uma preocupação com a publicação crescente de livros resumidos, com poucas palavras por páginas e a hesitação em usar palavras longas, são livros que às vezes não provocam na criança nenhum tipo de identificação, nenhum tipo de mistério a ser resolvido durante a leitura. E continuam recomendando que a escola promova a democratização dos livros ao disponibilizarem, em suas bibliotecas, livros de poesia, romances, contos, entre outros.

2.2 O papel da escola e da família no processo de incentivo à leitura

Percebe-se que o hábito da leitura, assim como o da escrita, dentro e fora da sala de aula tem se tornado cada vez mais inabitual. Os alunos não sentem prazer, nem interesse pela leitura e tão pouco pela escrita.

É comum ouvir de professores e das mídias sociais que a culpa é do avanço tecnológico, que contribui para a falta de interesse dos alunos, mas essa não é a única causa. A realidade é que a maior parte dos jovens têm nas mãos fonte de informação ilimitada, e sem o incentivo necessário, eles tiram de lá apenas as informações que os interessam, desperdiçando ótimas oportunidades de conhecer novos fatos, novas realidades. Como relata Cademartori (2012):

Se feito um paralelo com outros meios como os eletrônicos, é indiscutível que, por eles, o jovem é posto em contato com informações e narrativas de carácter geral, programadas para atingir o amplo público em suas diferentes faixas de idade. Com livre acesso a tudo que exibem esses meios, o jovem recorta, do repertório ilimitado, aquilo que possa lhe interessar. (CADEMARTORI, 2012, p.60)

É por isso que o professor precisa buscar novas formações e atualizações, para que entenda como ele pode utilizar essa tecnologia, visto que, “urge a necessidade de uma pedagogia mais apropriada ao modelo de criança nascida em meio à revolução tecnológica.” (CAVALCANTI, 2002, p.79). Silva completa alegando que:

[...] diante das velozes transformações do cotidiano (hoje mundializado), os professores têm que superar o papel de repassador ou transmissor de informações para, através da pesquisa e do estudo constante (eis novamente aqui a leitura exercendo o seu papel), colocar-se em outro patamar de condutas pedagógicas. (SILVA, 1999, p.18)

Com base nos autores, fica claro que estamos vivendo em uma era globalizada, na qual tudo acontece muito rápido, ao mesmo tempo, e todos ficam sabendo no instante em que o fato acontece. Diante desse cenário, o professor entra em conflito,

às vezes muitos questionam o seu papel na sala de aula, muitos se perdem no meio de tantas práticas pedagógicas. O fato é que, como já dito, hoje em dia temos acesso a uma infinidade de informações, que possuem um leque muito grande de oportunidades e conhecimentos, os quais, no ambiente escolar, o professor e os alunos podem usar como base para pesquisas e atividades envolvendo leitura e escrita. Cademartori (2012) continua ao dizer que:

Talvez a tarefa fundamental do professor, hoje, seja ensinar a seus alunos como distinguir, entre as múltiplas vozes das mensagens impressas e eletrônicas de todo tipo que o cercam, quais de fato merecem a atenção deles, por seres capazes de atender, de algum modo, sua necessidade de ser. (CADEMARTORI, 2012, p.226)

No entanto, mesmo antes dos avanços tecnológicos, ao realizarem alguma tarefa escolar, seja ela de leitura ou de escrita, os alunos já se sentiam desmotivados. Isso mostra claramente que tanto a escola quanto os pais estão fracassando na educação de suas crianças, tendo em vista que a responsabilidade de educar um sujeito e ensiná-lo a ter o gosto pela leitura é tanto da família como da escola.

Em relação ao fracasso da escola em estimular o prazer pela leitura, as justificativas mais aceitas são: a falta de infraestrutura e recursos das escolas, assim como professores mal pagos e com cargas excessivas de trabalho, pois entende-se que um profissional da educação, especialmente o professor de Língua Portuguesa, precisa de recursos, como por exemplo, uma biblioteca com conforto e com variedades de livros.

É isso que a realidade das escolas brasileiras deixa a desejar, seja pela falta de verbas ou por professores que já chegam exaustos na sala de aula. Outro fator que vale a pena ressaltar é a formação desses profissionais, pois é importante que se formem professores leitores assíduos, já que de nada adiantaria ter todos os recursos necessários e os educadores não terem o hábito de ler para poder motivar seus alunos, pois segundo Alves (2000):

[...] de tudo o que as escolas podem fazer com as crianças e os jovens, não há nada de importância maior que o ensino do prazer leitura. Todos falam na importância de alfabetizar, saber transformar símbolos gráficos em palavras. Concordo. Mas isso não basta. É preciso que o ato de ler dê prazer. (ALVES, 2000, p.61)

Levando em consideração o fracasso da família, que também tem um papel fundamental nesse incentivo pela leitura, nota-se que a correria do trabalho e de tantos

outros afazeres, impedem que os pais observem o comportamento dos filhos em relação à escola e aos estudos. Outro ponto relevante a ser mencionado é a falta de conhecimento vindo de alguns pais, que devido à falta de estudo, não conseguem auxiliar os filhos nas tarefas escolares. Por outro lado, devemos destacar os sacrifícios de muitos desses pais que mesmo não tendo a oportunidade de estudar fazem para que seus filhos não fiquem sem estudo. Um exemplo disso são as pessoas que moram nos interiores, que por vários motivos, algumas vezes precisam mandar seus filhos para a casa de parentes nas grandes cidades.

Esses pais apresentam motivos ideológicos para mandar seus filhos para longe de casa em busca de novas oportunidades, alguns acham que o ensino nas cidades grandes é mais avançado, outros enxergam no espaço urbano uma chance para que seus filhos entrem em cursos e adquiram conhecimentos que não poderiam ser oferecidos na zona rural.

Entendemos que esses "sacrifícios" são formas de incentivos para que essas crianças venham a ter um futuro melhor do que seus pais tiveram. Porém, também estamos cientes de que essas crianças, estando longe de casa, estão propensas a enfrentar muitos desafios. Sendo que nem sempre os familiares que vão recebê-las podem prestar todo o auxílio necessário referente a vida escolar, como participar das reuniões escolares e auxiliar nas atividades.

As famílias que moram nas grandes cidades também se empenham para que os filhos tenham um futuro promissor, colocando-os em escolas particulares, cursinhos e/ou reforço escolar.

Entretanto, apesar dos esforços das famílias nos dois casos, o problema ainda continua sendo a ausência e cobrança diária desses pais, em relação ao rendimento escolar dos seus filhos, pois não basta mandar o aluno para a escola, é preciso acompanhá-los de perto. Portanto, podemos dizer que somente com a união desses dois fatores: as condições escolares adequadas e a presença assídua dos pais na vida escolar dos filhos, é que teremos alunos mais motivados e instigados a ler, interpretar e conseqüentemente escrever melhor.

3 LITERATURA INFANTOJUVENIL

A Literatura Infantojuvenil abre portas para a criatividade e imaginação dos leitores. Em geral, contém temas peculiares e histórias reais ou fictícias, que abordam problemas a serem resolvidos, justamente para despertar o lado imaginativo de quem está lendo. Apresenta personagens nos quais o público infantojuvenil possa se identificar, sejam eles fadas, bruxas, crianças ou jovens adolescentes, além de possuir uma linguagem expressiva, simples e bem-humorada que se adequa a essa faixa-etária.

Essa literatura prepara o jovem leitor para situações cotidianas e reais, através de leituras lúdicas de qualidade e narrativas que o familiarize com sua vida, levando-o a adentrar pouco a pouco no mundo literário adulto.

Conceituar Literatura Infantojuvenil e delimitar quem são os seus leitores não são tarefas simples, visto que, os dois não são conceitos fixos, variam de época em época, ou de sociedade em sociedade, vários estudiosos os conceituam de maneiras diferentes. Luna (2012) utiliza da faixa etária para definir a LIJ e seus leitores, para ele a literatura infantil é aquela dirigida para crianças entre dois e dez anos de idade, enquanto a literatura juvenil seria aquela dirigida para jovens entre dez e quinze anos. Para Lajolo (2001, p.29) "[...] com o mesmo direito que Mário de Andrade usou dizer 'conto é tudo aquilo que o autor acha que é conto', pode-se dizer que juvenil é toda obra que assim for considerada por seu editor." Dessa forma, para ela não devemos limitar a definição de juvenil inteiramente nos seus leitores, mas devemos levar em conta a definição dos seus autores.

Quanto à Literatura Infantojuvenil, Cademartori (2012) relata que é comum termos a ideia de que é a escola quem delimita os leitores da Literatura Infantojuvenil, assim, seus leitores seriam aqueles que estão cursando os anos finais do ensino fundamental e o ensino médio. É durante essas etapas da educação básica que são construídos, na maioria das vezes, o interesse e o gosto pela leitura. Assim, quando o estudante tem o contato inicial com a Literatura Infantojuvenil, a possibilidade de ser representado pelo gênero é gigantesca, pois ele está em uma fase marcada pela saída do mundo infantil e começando a ter um repertório mais crítico e argumentativo.

É Lajolo (2001) que deixa mais claro a instabilidade dos conceitos ao afirmar que:

Tanto a criança à qual se destina a literatura infantil é uma construção, quanto o jovem ao qual se destina a literatura juvenil é outra construção, ambas sociais. E, na condição de satélites de construções sociais, tanto o infantil de uma quanto o juvenil de outra são conceitos estáveis: o que é literatura infantil, em determinado contexto, pode ser juvenil em outro e vice-versa.” (LAJOLO, 2001, p.24)

Partindo dessa premissa, podemos entender que somos seres que se moldam de acordo com a sociedade que nos cerca, por isso é tão difícil colocar os leitores da LIJ em um grupo específico e estático. Logo, é possível afirmar também que, uma literatura que agradou as crianças e os jovens do século XIX, por exemplo, talvez não conquiste as crianças e os jovens dos séculos seguintes.

3.1 A Literatura Infantojuvenil no Brasil

Do descobrimento do Brasil até meados do século XIX não existia uma literatura voltada especificamente para o público mais jovem, as obras escritas ou enviadas para o solo brasileiro tinham sempre algum objetivo maior do que apenas proporcionar a leitura e o conhecimento das coisas do mundo.

As primeiras obras escritas no nosso solo tinham principalmente o objetivo de levar para a Coroa Portuguesa informações sobre a fauna, a flora e sobre os nativos do Brasil. Depois disso, vinham os objetivos da igreja, uma grande parte dos livros tinham cunho religioso e eram usados para catequizar a população nativa da terra recém descoberta. Ou seja, havia uma escassa produção de obras brasileiras, escritas por autores brasileiros, o que se tinha eram obras portuguesas, utilizadas para fins portugueses.

Se nem os adultos possuíam acesso a uma leitura prazerosa, na qual o objetivo seria simplesmente apreciar uma boa história, deixar-se levar pelas palavras e viajar dentro delas, imagine os mais jovens? Só a partir da última década do século XIX é que se tem registros das primeiras obras direcionadas aos leitores infantojuvenis. A Literatura Infantojuvenil Brasileira percorreu um longo trajeto até se solidificar ao que é hoje, Souza (2006), divide a LIJ brasileira em três fases:

Observa-se na literatura infanto-juvenil brasileira até agora três momentos significativos: uma fase inicial, de formação de uma literatura dirigida ao público jovem, uma fase de transição, com o destaque para Monteiro Lobato, e uma fase de expansão, com a solidificação desse processo literário. (SOUZA, 2006, p.77)

Os primeiros livros dirigidos às crianças e aos jovens chegaram ao Brasil no final do século XIX, por meio das traduções de contos de fadas, já então conhecidos mundialmente, e das adaptações de obras dirigidas primeiramente para o público adulto. Aqui é indispensável ressaltar a importância do autor Figueiredo Pimentel, que em 1894, publicou “Contos da Carochinha”, o primeiro livro dirigido para o público infantil no Brasil, a obra possui 61 contos e são justamente adaptações de autores consagrados, como Charles Perrault, os Irmãos Grimm e Hans Christian Andersen. Apesar de já se tratar de obras dirigidas para o público mais jovem, ainda apresentavam traços de uma literatura escrita por adultos, sendo que ainda possuíam um olhar pedagógico, educador e moralizante sobre a criança.

Já no século XX começaram a surgir as primeiras obras mais voltadas para o nacionalismo e o folclore brasileiro, nas quais se destaca Monteiro Lobato. Pode-se observar nas obras de Lobato características semelhantes às dos autores traduzidos por Figueiredo, características reforçadas por Souza (2006), quando afirma que apesar da Literatura Infantojuvenil refletir as tradições de um povo, ela também apresenta uma necessidade de educar e informar. Lobato retratou em suas obras o folclore brasileiro como a mula sem cabeça, o saci, o curupira entre outros. É possível observar também, a preocupação de Lobato em transmitir algum ensinamento moralizador e até mesmo pedagógico, podemos citar como exemplo a obra “Emília no país da Gramática”, na qual Lobato levou os personagens em uma viagem que faz o leitor refletir sobre conhecimentos gramaticais.

No final do século XX, temos no Brasil uma crescente produção literária realmente voltada para a criança, buscando atender aos seus interesses, ao uso da imaginação, da criatividade, e da liberdade da leitura pelo simples prazer de ler. No final daquele século surgiu a “expressão maior da literatura infanto-juvenil na década, de 1980 [...], Lygia Bojunga” (SOUZA, 2006, p.99), um grande nome da LIJ, que na atualidade continua escrevendo e sendo um dos maiores nomes da LIJ brasileira. Bojunga utiliza em suas obras a criança como protagonista, que enfrenta problemas que podem ser realmente conflitos dos seus leitores, talvez por isso alcançou reconhecimento internacional, sendo agraciada com a maior honraria da Literatura Infantojuvenil mundial, o Prêmio Hans Christian Andersen e continua encantando crianças até hoje.

3.2 A relação escola e Literatura Infantojuvenil

Se não há um consenso sobre o que seria a Literatura voltada para jovens e crianças, percebe-se que a sua história é longa e cheia de controvérsias. Ela já foi considerada uma literatura de menos importância e até mesmo uma literatura cujo o único objetivo era instalar nos seus leitores valores morais, sociais, religiosos, entre outros. Devido a esses fatos a LIJ sempre teve fortes laços com as escolas, Souza (2006) afirma que essa ligação fez com que ela fosse chamada por muito tempo de literatura escolar e fortaleceu o caráter “autoritário, moralista e pedagógico” de suas obras, por isso foi chamada muitas vezes de “literatura escolar”.

Mas é nas escolas que, segundo Lajolo, a Literatura para jovens encontra um porto seguro, ela afirma que:

“Os livros para crianças não deixaram nunca de encontrar na escola entreposto seguro, quer como material de leitura obrigatória, quer como complemento de outras atividades pedagógicas, quer como prêmio aos melhores alunos.” (LAJOLO, 2001, p.66)

De fato, a presença dessa literatura nas salas de aulas é constante, de várias formas distintas. Às vezes o professor a utiliza para tentar ensinar gramática de uma forma menos tradicional, às vezes ela serve como prêmio para um aluno que se destaca, também é utilizada para a interpretação de textos e realização de atividades escolares. No entanto, também é possível observar o aumento dos esforços que muitos professores de Língua Portuguesa e Literatura vêm fazendo para que seus alunos tomem o gosto pela leitura. É notável que projetos continuam sendo criados e aplicados para tentar solucionar a antipatia que grande parte dos estudantes sentem diante da leitura.

É diante dessa situação que a LIJ costuma ganhar espaço, e segundo Lajolo (2001), ela pode transformar-se em armadilha para os professores, ao imaginarem que essa literatura, sozinha, possa resolver o dilema da falta de hábito de leitura, como um passe de mágica. Para Lajolo é preciso criar muitas outras providências, é preciso que o autor dos textos tente antecipar as recepções dos leitores, e tentem construir o máximo de alternativas que possam cativar aquele ser, que antes de tudo, é um indivíduo independente, com seus próprios gostos, suas próprias expectativas e suas próprias experiências.

Alguns professores tendem a impor leituras obrigatórias aos seus alunos, que na maioria das vezes não os agradam, não causam nenhum tipo de identificação, o que pode aumentar ainda mais o abismo leitura-estudante. É necessário que a entrada do aluno nesse universo seja feita de forma gradual, pois como afirma Cademartori (2012):

Quando se trata de leitura, de promovê-la na escola ou em outro lugar, ou quando se discute a experiência do professor como leitor, é importante ter presentes os diversos estágios por que passa um leitor, porque a formação não se dá de uma só vez, nem de modo único ou mecânico. Tornar-se leitor é processo que ocorre ao longo do tempo e de distintas maneiras para diferentes pessoas. (CADEMARTORI, 2012, p.23-24)

Logo, é preciso que se tenha em mente que nenhum leitor já nasce leitor, ele se transforma um leitor, alguns com mais facilidade que outros e todos eles vão ter suas próprias vivências.

Enquanto uns afirmam que a relação entre escola e Literatura Infantojuvenil contribuiu para a visão da mesma como uma literatura menor, outros dão por certo que a escola a ajudou a ganhar o espaço que ela possui. Mas o que ninguém pode negar é que a escola tem um papel muito importante na construção e na difusão da literatura para jovens e crianças no Brasil.

As instituições educacionais tendem a recorrer a LIJ para tentar inserir no estudante o gosto pela leitura porque é nela que estão as histórias protagonizadas por personagens, nos quais eles podem mais facilmente se identificar, seja pela idade ou pelos desafios enfrentados na infância. E como é dito por Cademartori (2012), quando estamos nos estágios iniciais da entrada no mundo da leitura, o que nos prende a história é a curiosidade sobre o que vai acontecer na vida daquele personagem, com o qual de alguma forma nos identificamos.

4 O GÊNERO CONTO

O conto é um gênero textual que teve uma crescente evolução no que diz respeito a sua linguagem, como citado por Lyra e Júnior (2021):

O conto é um exemplo de gênero textual que passou por processos de resignificação ao longo do tempo, principalmente no que se refere à modalidade de linguagem predominante. A tradição oral, em diferentes gêneros, foi substituída pela escrita, a qual, culturalmente, ganhou um destaque mais elevado. (LYRA; JÚNIOR, 2021, p.3)

Se no princípio ele era conhecido apenas através da tradição oral, ao longo do tempo progrediu para a forma escrita. Desse modo, tornou-se peça principal no processo de ensino de Língua Portuguesa, auxiliando no desenvolvimento da oralidade, leitura, escrita e criatividade de seus leitores.

Os contos apresentam narrativas atuais e cotidianas, histórias em algum lugar do passado ou em um futuro imaginário do autor, bem como um enredo imprevisível com uma sequência de ações para desvendar um mistério, que em algumas das vezes ficam nas entrelinhas, o que desperta a curiosidade de quem está lendo. Possui uma narrativa curta, real ou fictícia, de fácil entendimento, único enredo, poucos personagens e é desenvolvido em tempo cronológico ou psicológico.

A linguagem deve ser objetiva e concisa, de modo que seja de rápida compreensão para o leitor e apesar de não ser tão valorizado e utilizado nas escolas, trabalhar este gênero com crianças e jovens é reconhecer a importância do incentivo à leitura de forma prazerosa e significativa. Segundo Cademartori (2012):

Os contos - assim como as crônicas - ainda são pouco valorizados como experiência de leitura juvenil e, no entanto, oferecem oportunidades ricas se apresentação de autores, sejam eles criadores de obras já clássicas, sejam de expressão moderna ou contemporânea, contanto que autores de páginas que garantam leitura atraente e provocadora. (CADEMARTORI, 2012, p.89)

Em suma, o estudante deve construir o hábito de ler, sendo incentivado a descobrir qual gênero lhe desperta mais o interesse, à vista disso, o docente poderá trabalhar os contos em sala de aula, como opção de autoconhecimento e nova forma de aprendizagem. O contato com o conto levará o discente a ampliar sua bagagem de conhecimento, imaginação e visão de mundo.

Este tipo de narrativa obteve destaque no século XX, a partir da publicação de textos por meio da imprensa. Sua origem está na transmissão oral dos

acontecimentos. A narração dos fatos deu espaço para a escrita, ou seja, o simples contador de histórias passou a ser um narrador estético e detalhista. De acordo com Gotlib (1998):

A história do conto, nas suas linhas gerais, pode se esboçar a partir deste critério de invenção, que foi se desenvolvendo. Antes, a criação do conto e sua transmissão oral. Depois, seu registro escrito. E posteriormente, a criação por escrito de contos, quando o narrador assumiu esta função: de contador-criador-escritor de contos, afirmando então, o seu caráter literário. (GOTLIB, 1998, p.13)

Este gênero sofreu inúmeras mudanças ao longo da história, dando particularidades a alguns tipos, como por exemplo: conto fantástico, conto de fadas e conto infantil juvenil. Esse último, é a base deste estudo e retrata, em algumas obras, assuntos sobre abandono de pais, morte, desigualdade social e insegurança, ou seja, aborda questões da vivência e do cotidiano do leitor, que consegue se identificar com os personagens e enxergar neles seus medos, conflitos e angústias.

Ao ler um conto, podemos refletir sobre a nossa realidade ou ter liberdade em viver em um mundo imaginário. E para tanto, devemos buscar autores que acendam o gosto pelo ato de ler, pensar, interpretar e imaginar. Pensando nisso, temos como grande referência na Literatura Infantojuvenil a autora Lygia Bojunga, que tem como marca literária uma escrita gostosa de se ler, e que pode, sim, agradar muitos leitores.

4.1 O conto “O bife e a pipoca”

No conto “O bife e a pipoca”, a autora Lygia Bojunga, narra de forma breve e genial a história de dois garotos, Rodrigo e Turíbio Carlos, o Tuca, e os acontecimentos de seus cotidianos. Enquanto, Rodrigo é filho único de uma família rica, tem 11 anos, estuda em uma escola particular e mora com seus pais no Rio de Janeiro, cidade na qual a história acontece, Tuca mora na favela, tem dez irmãos, uma mãe com problemas de alcoolismo e ainda trabalha lavando carros quando sai da escola, chega a ser até explorado pelo seu patrão, que sai para beber, enquanto Tuca ganha pouco e lava os carros sozinho.

O conto possui 10 capítulos, o primeiro se inicia com uma carta na qual Rodrigo escreve contando as novidades da escola para o seu melhor amigo, Guilherme, que estudou com ele durante muitos anos, mas precisou se mudar com seus pais para o Rio Grande do Sul, devido ao trabalho do pai.

Na carta Rodrigo comenta sobre a saudade que sente do amigo, menciona a entrada de alguns novos alunos na sua turma, duas meninas e o Tuca (13 anos quase completando os 14) que conseguiu adentrar na escola através de uma bolsa oferecida pelo governo.

Ao decorrer do conto, Lygia Bojunga trata da desigualdade social de forma engenhosa, preocupando-se em retratar questões existenciais e sociais que envolvem o ser humano.

O conto “O bife e a pipoca” dá abertura para vários questionamentos. Primeiro, como Tuca irá se comportar na escola diante de seus colegas que possuem mais dinheiro que ele?

Observemos o seguinte trecho:

[...] Rodrigo foi comprar um sanduíche [...]
 O olho do Tuca foi indo pro sanduíche. Quando chegou lá: quem diz que ia embora?
 O Rodrigo pegou o sanduíche, deu uma dentada e aí viu que o olho do Tuca tinha também mordido o pão.
 A boca do Rodrigo foi mastigando.
 O olho do Tuca mastigou junto. (BOJUNGA, 2005, p.47)

Nele podemos perceber que a autora usou da personificação para ilustrar o desejo que Tuca tem por aquele alimento. Aqui assistimos a um ato comum, a compra de um sanduíche por parte de um dos personagens, mas que para o outro não é, pois apesar do desejo pelo lanche, Tuca não possuía dinheiro para comprá-lo.

Mais adiante também surge um outro questionamento, será que Tuca conseguirá acompanhar o nível de estudo dos seus novos colegas?

- Acho que eu não vou aguentar a barra: o estudo aqui é mais adiantado, é diferente, sei lá, eu só sei que não tá dando. E o pior é isso aqui – olhou pro caderno e espichou um queixo desanimado: a tal da matemática.
 - Você não fez o trabalho que a gente tem que fazer?
 - De que jeito? Eu não saco nada disso. (BOJUNGA, 2005, p.49)

Tuca representa muitas crianças e adolescentes de baixa renda, que quando conseguem uma bolsa de estudos em escolas particulares encontram um nível de ensino bem diferente das públicas, pois em teoria, o ensino nas instituições particulares é bem mais avançado.

Vejamos agora o quanto Tuca fica abismado com tudo que vê na casa do seu amigo:

[...] E foi assim. No sábado ao meio-dia o Tuca estava chegando na casa do Rodrigo. Ele nunca tinha pisado num edifício daqueles: porteiro, tapete, espelho por todo lado, elevador subindo macio, empregada abrindo a porta pra ele entrar. [...]

[...] - tá com sede?

- tô – e foram na geladeira o Rodrigo encheu um copo de suco de laranja:

- toma. – olho do Tuca ficou hipnotizado pelo lá-dentro da geladeira.

Quando a porta da geladeira se fechou, o Tuca achou que o Rodrigo não ia achar uma ideia assim tão formidável subir uma favela todinha pra ir comer pipoca lá em cima. (BOJUNGA, 2005, p.56)

Além de abismado, ele também fica frustrado em ter convidado Rodrigo para subir o morro e conhecer de perto a realidade na qual ele vive e comer uma simples pipoca.

Em um outro momento do conto, assistimos uma alusão a exploração da mão de obra infantil, observemos o seguinte trecho:

Mas aí foi acontecendo o seguinte: mal o Tuca chegava, o faxineiro ia pro botequim da esquina tomar umas e outras; quando voltava, se ajeitava num escurinho da garagem; logo depois estava roncando.

E o Tuca ficava lavando sozinho tudo que é carro que tinha pra lavar.

Um dia o Tuca achou que estava trabalhando sozinho demais e que então a tal matemática dos 10% não estava bem certa: reclamou.

O faxineiro não gostou:

- Escuta aqui, meu irmão, tem pelo menos 100 moleques que passam todo dia aí na rua querendo pegar esse emprego que eu te dei. [...]

Os trocados que o Tuca recebia lá na garagem bem que ajudavam pra ir levando comida pra casa. Então, o que que era melhor, quer dizer, pior: continuar de matemática esquisita ou perder o biscate?

E o Tuca continuou lavando carro. (BOJUNGA, 2005, p.58-59)

Aqui, nota-se uma referência de que esse é um problema comum na cidade de Tuca, quando o faxineiro afirma que se ele não quisesse mais o “emprego” haveria uma fila de meninos pra ficar no seu lugar. Nesse trecho, podemos observar a inocência de uma criança que carrega o peso de querer ajudar em casa para que sua família não passe nenhuma necessidade. Percebemos que Tuca, mesmo morando em uma comunidade muito carente e sendo de uma família muito humilde, não caiu no mundo do crime, ao que essa parcela da população é vulnerável. O que se percebe é que o personagem é doce, de coração bom, leal e cheio de sonhos, que chega a perceber que está sendo explorado, mas que por falta de oportunidades, escolhe o que vai ser melhor, não para si mesmo, mas para a sua família.

O conto também nos traz uma reflexão sobre as dificuldades enfrentadas pela população mais carente das comunidades brasileiras, tais reflexões são ilustradas

pelos questionamentos de Rodrigo, que ao conhecer a realidade de Tuca, faz algumas perguntas para si mesmo: Como existem tantas pessoas vivendo naquela situação?! Morando em casas que provavelmente com “um sopro” cairiam?! Lixos espalhados pelas ruas e crianças correndo descalças?!

Esse momento causa até um certo desentendimento entre os personagens, pois quando Tuca percebe o “choque” de realidade que Rodrigo teve, fica muito triste e irritado, talvez por se sentir inferior ao amigo, então ele acaba o tratando mal. Os dois discutem, ficam alguns dias sem se falar na escola, mas logo se acertam.

Escolhemos trabalhar com essa obra porque como diz Santos (2009) o conto “O bife e a pipoca” é um bom texto para se usar com o objetivo de levar os educandos a refletirem criticamente sobre os assuntos abordados, como a amizade entre os dois personagens, que permanece forte, mesmo que as diferenças sociais entre eles causem alguns momentos embaraçosos.

Santos e Pinto (2016) também citam que este conto tem a capacidade de fazer o seu leitor refletir sobre a realidade que o cerca através da comparação entre os personagens e os alimentos que dão nome ao conto, nos quais a pipoca representa a parcela mais pobre da população, enquanto o bife, por ser mais caro, representa a classe mais alta. Algo parecido é dito por Fiamoncini (2001), quando expõe que o bife e a pipoca deixam, no conto, a categoria de alimentos para retratar a distância social entre Rodrigo e Tuca.

Sabemos que a realidade é bem mais pesada do que é narrada no conto, mas é tratada com muita preocupação e cuidado pela autora, pois é algo que se aproxima da realidade de muitos leitores, por isso é tão relevante de se ler. É de suma importância que as pessoas se sintam representadas na literatura, mesmo que seja uma representação de uma vida sofrida e isso a autora, Lygia Bojunga, faz com maestria.

4.2 A contista Lygia Bojunga

Lygia Bojunga é uma respeitada e renomada escritora de obras infantojuvenis, nasceu em Pelotas, no Rio Grande do Sul, em 26 de agosto de 1932. Mudou-se para o Rio de Janeiro aos oito anos de idade e com dezenove anos já estreava como atriz no Teatro Duse (primeiro teatro laboratório do Brasil), fundado por Pascoal Carlos Magno.

Posteriormente, foi contratada para a companhia de Teatro “Os Artistas Unidos”, e tão logo tornou-se tradutora e escritora de peças teatrais. O conhecimento vindo do teatro fez reascender a escrita literária de Bojunga, que em 1972 publicou sua primeira obra “Os colegas”, desde então não parou mais, escreveu diversos livros consagrados pela crítica.

A autora é reconhecida internacionalmente através de prêmios como Hans Christian Andersen (1982), tradicional prêmio de literatura para crianças e jovens. Seu destaque na premiação se deu pelo conjunto de sua obra, tornando-se a primeira mulher fora dos Estados Unidos e da Europa a recebê-lo. Bojunga teve suas obras traduzidas e adaptadas no teatro e televisão em vários países do mundo. De acordo com Luís e Feba (2014), Lygia Bojunga:

[...] é conhecida pela quantidade de prêmios recebidos no Brasil e no mundo e, sobretudo, pela peculiaridade de sua escrita, que recorre à fantasia, faz uso de linguagem simples, aborda desejos infantis em contraponto com anseios do adulto, cria personagens sonhadoras e inconformadas com a realidade, apresenta contexto socioeconômico constituído por pobres e miseráveis – em uma crítica constante a tais situações sociais – e tematiza problemas inerentes ao homem contemporâneo, como as relações familiares, as tensões relativas a trabalho (patrão x empregado), a orientação sexual, o medo, a morte. (LUIZ; FEBA, 2014, p.8)

Consoante os autores, Bojunga tem um estilo único, recorre muito ao fantástico e as críticas sociais utilizando uma escrita simples. Sobre a temática abordada pela autora, Souza (2006, p.117) fala que " [...] são recorrentes os temas ligados à infância e aos problemas de crescimento da criança, assim como temas ligados à adolescência e aos conflitos e problemas existenciais de que é cercado o jovem." As obras de Lygia abrem espaço para o protagonismo da infância, as reflexões existenciais e os conflitos enfrentados por esses personagens.

Sandroni (1987) segue a mesma linha de pensamento quando fala que:

A partir do tema principal, a própria infância, Lygia Bojunga Nunes constrói narrativas impregnadas de riquíssima fantasia que tem por base elementos tomados do real e como objetivo discutir os comportamentos sociais frutos da ideologia dominante sem, no entanto, deixar de lado sua função lúdica." (SANDRONI, 1987, p.73)

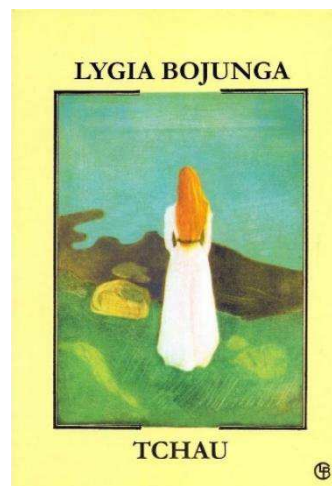
Ainda sobre a temática das obras de Lygia Bojunga, Cademartori (2012, p.33) também afirma que “é um traço comum às histórias de Lygia Bojunga Nunes: o protagonista tem sua história interrompida pelo aparecimento de outras personagens,

que aportam elementos ao segmento principal." Assim, suas histórias vão se desenrolando por meio da curiosidade e pelo aparecimento de novos fatos e novos caminhos da narrativa que são construídos através da junção entre realidade e imaginação.

Bojunga busca inserir em sua escrita uma aproximação com a oralidade, é possível notar isso nos usos da locução pronominal "a gente" e da preposição reduzida "pra", entre muitos outros casos. Essa aproximação com a oralidade não empobrece o texto, pelo contrário, "mostra sua capacidade de, em sua arte, recriar o universo verbal, no qual a criança está inserida, de maneira a pô-la em contato com a riqueza de sua própria linguagem." (SANDRONI, 1987, p.99). Essa última característica não torna os textos de Lygia mais feios, mais pobres ou menos belos que os outros textos literários, na verdade, a autora se aproxima ainda mais dos seus jovens leitores, sendo facilmente entendida por eles.

A autora adotou também, uma identidade visual específica para suas obras, assim como seu livro de contos, quase todas as outras possuem uma capa com laterais amarelas e uma imagem no centro.

Figura 1 - Capa do livro Tchau



Fonte: Ponto frio

O livro Tchau, além de possuir capítulos curtos, quase sempre enumerados e com títulos, apresenta em sua capa o quadro "Solitária" do pintor Edvard Munch (1896). Na introdução do livro, em "Pra você que me lê", espaço em que Lygia conversa com o leitor, a autora explica essa escolha, ela fala que um dia viu aquela

imagem em um museu e se intrigou, só um tempo depois notou o porquê da sensação de familiaridade.

Ali estava a imagem criada pela mão de um pintor, me revelando, em outra linguagem, o mesmo que a minha mão de escritora tinha procurado pintar nos meus contos. Por que então não me sentir tomada pela sensação de familiaridade se o pintor e eu falávamos de uma mesma sentença a ser cumprida: a solidão. (BOJUNGA, 2005, p.12)

Ademais, suas obras falam de assuntos sérios de uma maneira leve e a autora consegue prender seus leitores no desenrolar desses fatos. Como dito por Souza (2006, p.129) "Lygia Bojunga continua excelente contadora de histórias, conseguindo manter viva a chama da curiosidade, a mesma chama que salvou a vida de Sherazade e de todas as mulheres na narrativa de As mil e uma noites."

Bojunga não evita falar para crianças sobre assuntos mais pesados como a morte, o ciúme, a inveja, mas ela também fala sobre superação, família e sobre a amizade, além de denunciar através de suas personagens relações desiguais na sociedade e apresentar conflitos vivenciados por elas. Consoante Lajolo e Zilberman:

As personagens dessa autora vivem, no limite, crises de identidade: divididas entre a imagem que os outros têm delas e a auto-imagem que irrompe de seu interior, manifestando-se através de desejos, sonhos e viagens, os livros de Lygia registram o percurso dos protagonistas em direção à posse plena de sua individualidade. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p.156)

Esses são assuntos que ela aborda fortemente em seu único livro de contos, "Tchau". Esta obra reúne quatro contos, "Tchau", que dá nome ao livro, "O bife e a pipoca", "A troca e a tarefa" e "Lá no mar". São contos com linguagens simples e poéticas, que possuem metáforas, eufemismo, personificação, entre outros recursos linguísticos.

5 METODOLOGIA

A pesquisa iniciou-se com um levantamento bibliográfico, objetivamos compreender como o conto “O bife e a pipoca” pode ser usado na sala de aula para auxiliar na superação da pouca leitura entre os estudantes que estão no último ano do ensino fundamental. Utilizou-se da observação como suporte para a pesquisa, deste modo pudemos observar o entusiasmo dos alunos em participar ou não das atividades propostas, além de observar a evolução do pensamento que eles tinham sobre a leitura e o papel dela em suas vidas.

5.1 Caracterização da pesquisa

O presente trabalho possui uma abordagem quali-quantitativa, pois como é descrita por Knechtel (2014, p. 106) interpretamos “as informações quantitativas por meio de símbolos numéricos e os dados qualitativos mediante a observação e a interpretação do discurso dos sujeitos”.

Assim, partimos da premissa que em muitas das vezes as abordagens qualitativas e quantitativas são vistas como opostas, todavia elas não são, na realidade, uma complementa a outra. Gatti (2004) ressalta que as duas abordagens não são antagonistas, elas são complementares e possibilitam o melhor entendimento dos fenômenos investigados. Obtivemos, através de questionários, dados sobre a leitura dos estudantes e em seguida procuramos descrever, entender e elaborar hipóteses sobre como esses hábitos foram formados e o que poderia interferir neles.

A pesquisa classifica-se como descritiva, Gil (2008, p.28) expõe que os objetivos das pesquisas dessa natureza são: descrever as características de determinada população ou fenômeno; estabelecer relações entre as variáveis e algumas vezes determinar a natureza dessas relações.

Realizou-se uma pesquisa bibliográfica para o levantamento de dados sobre o tema da pesquisa, usamos como suporte teórico grandes estudiosos da área como Abramovich (1997), Antunes (2009), Cademartori (2012), Freire (2003), Lajolo (2001), Silva (2005) e Souza (2006).

5.2 Instituição da pesquisa

O projeto “O conto de Lygia Bojunga, 'O bife e a pipoca' como instrumento de leitura” foi aplicado na Escola Municipal Professor José Gonçalves dos Santos, na turma do nono ano, entre os dias dez a trinta e um de maio do ano de 2022 (dois mil e vinte dois). A Escola fica localizada na rua São Raimundo, número 646, no bairro São Francisco em Zé Doca - Ma.

A escola é bem ampla, possui um pátio coberto, uma sala dos professores, uma diretoria, uma secretaria, uma cozinha e uma dispensa, há também banheiros adaptados para pessoas com necessidades especiais ou reduzidas. A instituição possui sete salas de aula, atualmente cinco delas são utilizadas como classe para os alunos do ensino fundamental no turno vespertino e uma sexta funciona como reforço no turno.

A instituição é administrada pela diretora Clarice Leite de S. Lemos e tem como professora de Língua Portuguesa do nono ano, Celiam Lima Rodrigues. O quadro de funcionário da escola conta também com uma supervisora, um coordenador pedagógico, dois secretários, quinze professores (treze concursados e dois contratados), três merendeiras, três auxiliares de serviços gerais, dois vigilantes diurnos e quatro noturnos.

5.3 Instrumento de coleta de dados

A coleta de dados é uma etapa significativa no processo de averiguação das informações dos resultados da pesquisa e das técnicas utilizadas, por isso deve ser analisada e desenvolvida com atenção. Como instrumento de pesquisa aplicamos questionários com perguntas fechadas para obtermos subsídio e entendermos um pouco mais sobre o conhecimento e o hábito de leitura da classe. Também foram usadas perguntas abertas para oferecer liberdade nas respostas dos alunos, aumentando o nosso diálogo e interação com eles.

5.4 Sujeito da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa foram alunos do Ensino Fundamental, mais especificamente da turma única do nono ano vespertino. Colaboraram com nossa pesquisa 26 alunos, 11 do sexo masculino e 15 do sexo feminino, com idades entre 13 a 18 anos. Todos residentes do bairro São Francisco do município de Zé Doca - MA.

5.5 Procedimentos metodológicos

Demos início ao nosso projeto com a aplicação dos questionários, logo em seguida buscamos mostrar aos alunos um pouco da história de Lygia Bojunga como autora de Literatura Infantojuvenil.

No início do projeto, procuramos ouvir a opinião dos alunos sobre a importância da leitura e no decorrer dele, voltávamos ao tópico para observar a evolução desse pensamento.

Logo depois deu-se início a uma leitura compartilhada do conto, vale ressaltar o entusiasmo com que esse momento foi recebido por grande parte da turma, que foi muito participativa facilitando o nosso trabalho. Porém, vale salientar também que não chegou ao nosso conhecimento nenhum aluno que tomou a iniciativa de ler o conto em casa.

Na aplicação do projeto, utilizamos de rodas de leitura, produção textual e apresentação de análises sobre os personagens e as situações do conto "O bife e a pipoca", segundo conto presente no livro "Tchau" da contista Lygia Bojunga. Buscamos sempre ouvir os alunos, que no final do projeto disseram que não esqueceriam aqueles personagens, nos questionaram se levaríamos outros contos e compartilharam seus desejos de gêneros textuais para futuras leituras com a classe.

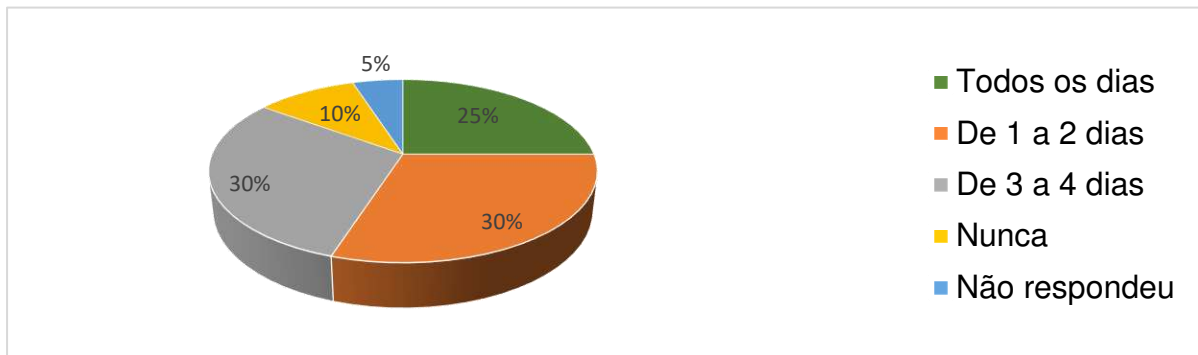
6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise de dados tem como intuito coletar, e posteriormente apresentar os dados da pesquisa. Dessa forma, para a realização do projeto aplicamos questionários com os alunos do nono ano, do turno vespertino, na Escola Municipal José Gonçalves dos Santos.

Os questionários foram desenvolvidos dando destaque aos assuntos sobre leitura, Literatura Infantojuvenil, contos e a autora Lygia Bojunga. O questionário I foi apresentado no primeiro encontro, abrangendo nove perguntas. Enquanto o questionário II, no último encontro, continha seis, sendo desenvolvido com a finalidade de obtermos informações acerca dos conhecimentos alcançados durante as aulas e o entendimento dos alunos sobre o conto “O Bife e a pipoca”. Entre os 15 questionamentos, escolhemos os que consideramos mais relevantes para a nossa pesquisa e que serão explicados a seguir.

6.1 Análise dos questionários

Gráfico 1 - Com que frequência você costuma ler por prazer, durante a semana?



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)

O gráfico um mostra que apenas 25% dos alunos leem todos os dias por prazer durante a semana, enquanto 30% apreciam a leitura entre um a dois dias, 30% de três a quatro, 10% nunca leem por prazer e 5% não responderam.

Observando o resultado do gráfico, constatamos que poucos são os alunos que possuem o hábito da leitura prazerosa, dentro ou fora do ambiente escolar. Infelizmente, há uma rotina de leitura obrigatória nas escolas que, muitas das vezes, não cativa o estudante, seja pelo modo como é trabalhada ou mesmo pelo baixo

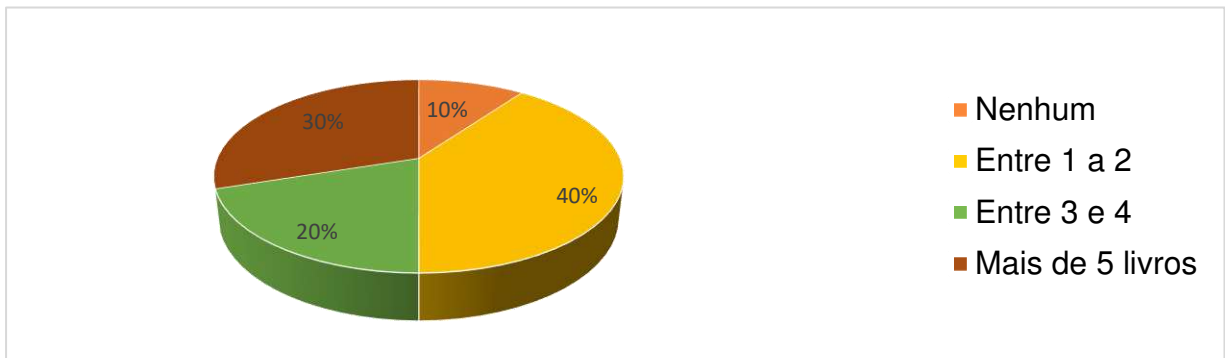
estímulo que o discente tem em ler textos. Porém, sabemos que a leitura deve ser vista como uma oportunidade de adquirir novas experiências. É um momento de descobertas e por isso deve ser partilhada e usufruída com satisfação.

De acordo com Elias, a leitura:

"Não se trata de uma alegria ruidosa, provocadora de gargalhadas ou de risos. É um prazer calado, interior, fundo, fácil de ser sentido e difícil de ser explicado. Posso criar ou ler um texto extremamente pesado, sufocante, sofrido, mas sentir esta fruição, este prazer. O prazer estético tem outra dimensão de beleza, mexe fundo com os sentimentos que podem ser de alegria ou de tristeza." (ELIAS, 2007, p.20).

Em síntese, o leitor deve apreciar o que está lendo, deve procurar obras que desperte seu interesse pela leitura e o faça viajar nesse novo mundo de descobertas, que é gostar de ler. E para que haja tal aproximação, torna-se interessante que o professor apresente o porquê da importância da leitura por prazer e a atribua como um momento de diversão e autoconhecimento.

Gráfico 2 - Quantos livros você leu nos últimos dois anos?



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)

O gráfico dois diz respeito a quantidade de livros lidos pelos estudantes do nono ano nos últimos dois anos, 10% desses alunos não leram nenhum livro no período citado, fato preocupante já que uma pessoa que lê pouco ou ler quase nada perde umas das melhores oportunidades de saber sobre o que acontece ao seu redor, pois como é dito por Antunes (2009):

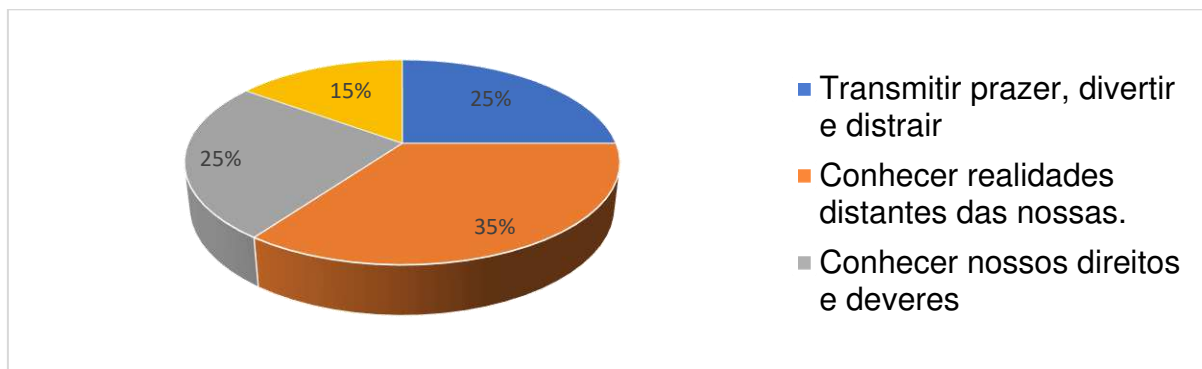
[...] ler é uma forma de saber o que se passa, o que se pensa, o que se diz; é uma forma de ficar inteirado acerca do que vai pelo mundo, acerca do que vai povoando a cabeça e o coração dos pensadores, dos formadores de opinião, dos cientistas, dos poetas; é uma forma de saber acerca das descobertas que foram feitas ou das hipóteses que estão sendo testadas, ou dos planos e projetos em andamento (ANTUNES, 2009, p.195).

Os dados do gráfico dois mostram também que 40% dos entrevistados afirmam que leram entre um e três livros nos últimos dois anos, o que ainda está abaixo da média nacional, que é de 2,5 livros completos por brasileiro no período de um ano, segundo a última edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil.

Outros 5% dos alunos entrevistados não responderam e os 25% restantes disseram que leram mais de cinco livros em dois anos, média de 2,5 por ano, o que está dentro da média nacional. Mesmo assim, é preciso ainda muito incentivo nessa área, visto que, em comparação com as médias de outros países, o Brasil ainda é um país que ler muito pouco, a Índia por exemplo, tem média semanal de 10,7 horas de leitura por habitante, enquanto o Brasil tem quase a metade disso, com 5,2 horas semanais por brasileiro.

Perante o exposto, segue sendo aconselhável o desenvolvimento de atividades que buscam o incentivo à leitura e conseqüentemente levar o Brasil a um desenvolvimento maior, tanto no quesito educação, quanto no quesito de ser uma nação consciente. Pois é através da leitura que se forma um cidadão plenamente crítico e consciente quanto ao seu papel perante a sociedade que o cerca.

Gráfico 3 - Para você qual é a importância da leitura?



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)

O gráfico três trata sobre a importância da leitura para os alunos. Diante das porcentagens expostas podemos perceber que os estudantes têm ciência da relevância da leitura, entendendo que ela não serve apenas para cumprir com as exigências da escola, como a realização de tarefas.

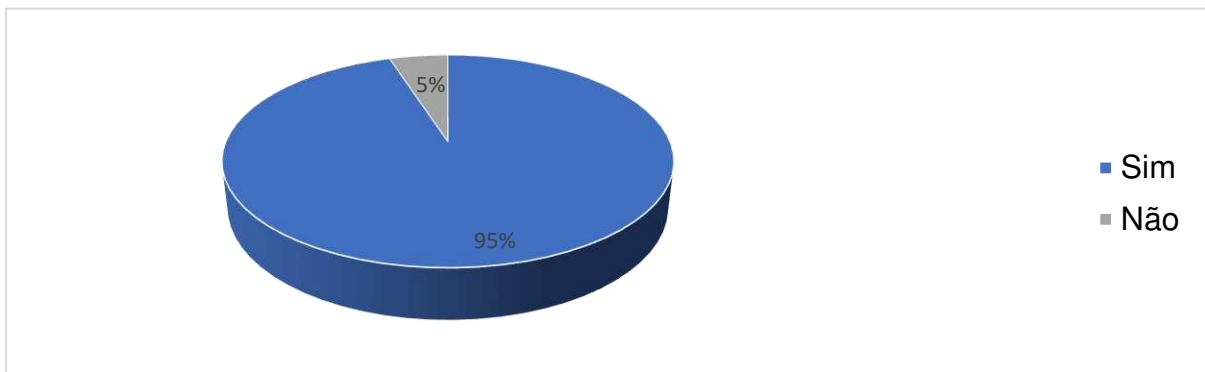
Isso porque dos alunos questionados, apenas 15% acham que a importância da leitura vem da capacidade que ela tem em auxiliá-los na realização de atividades

escolares. Outros 35% acreditam que a leitura pode ajudar a conhecer novas realidades. Esse é um pensamento muito válido, pois a leitura traz essa possibilidade de levar as pessoas a terem acesso a novas informações sobre outras culturas, outras tradições.

Os dados do gráfico três revelam também que 25% dos alunos acreditam que a leitura é uma maneira de sentir prazer, de se divertir e também é uma forma de distração. Sobre isso Bellenger (2004, p.14) diz que “A leitura se baseia no desejo e no prazer. Ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo do qual não consegue extrair o sentido. [...]”

Os outros 25% dos alunos compreendem que a importância da leitura é a capacidade que ela de nos levar a conhecer os nossos direitos e deveres. Logo, é necessário que os educadores continuem mostrando aos alunos que a leitura é muito mais do que uma tarefa escolar, ela pode possibilitá-los a terem uma noção e uma visão crítica das coisas que acontecem ao seu redor. Proporcionando-lhes assim, a oportunidade de se tornarem sujeitos ativos mediante a sociedade.

Gráfico 4 - Você gostaria de mais momentos de leitura compartilhada com seus colegas?



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)

No gráfico quatro questionamos os alunos acerca do interesse em mais momentos de leitura compartilhada com os colegas. Esse é um momento importante, segundo Rangel e Rojo (2010), que aconselham: “Leia em voz alta na turma; coloque os alunos para lerem uns para os outros, porque os próprios alunos são muito exigentes, mas são solidários e se ajudam mutuamente quando estimulados”.

Foi possível notar, durante a realização desse projeto, que em um momento de leitura, os alunos tendem a ajudar o outro que está tendo realmente alguma

dificuldade, até mesmo incentivando aquele que tem menos ânimo em participar da atividade proposta.

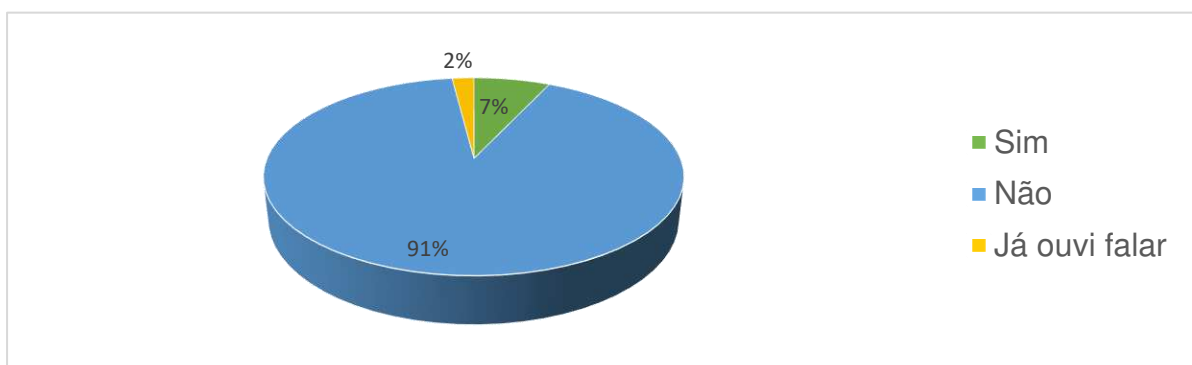
Para que pudéssemos saber se tivemos algum resultado em despertar o interesse dos alunos a lerem mais em grupo, fizemos o seguinte questionamento: você gostaria de mais momentos de leitura compartilhada? Tendo em mente a forma como trabalhamos o conto “O bife e a pipoca” durante a aplicação do nosso projeto. Diante das porcentagens expressas no gráfico podemos ver que 5% dos questionados não gostariam de mais momentos de leitura com a turma, enquanto os outros 95%, gostariam sim, de mais momentos de leitura compartilhada.

Sobre essa forma de leitura Zulim (2011) aponta que:

Ler com os alunos e para os alunos: São duas atitudes positivas que colaboram para formar o leitor. [...] Além disso, dispensar um “tempinho” no início, no final da aula, ou mesmo antes de liberar a turma para o intervalo, lendo aos alunos um conto, uma crônica ou um poema bem escolhido, capazes de encantar, também contribui, e muito, para formar leitores. (ZULIM, 2011, p.14)

Vale ressaltar que a leitura foi feita pelos próprios alunos, nós (acadêmicas responsáveis por esse trabalho), demos o direcionamento para que eles fizessem a leitura e a interpretação dos acontecimentos do conto, de uma maneira prazerosa e divertida. Buscamos dar aos alunos a oportunidade de expressarem suas opiniões sem a pressão de estarem certos em seus argumentos, pois o intuito era fazer com que eles vissem a leitura como algo agradável e reflexivo.

Gráfico 5 - Você conhece a autora Lygia Bojunga?



Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)

No gráfico cinco questionamos os alunos sobre a autora estudada durante o projeto. Dos entrevistados, 2% disseram que conheciam a autora, 7% já ouviram falar dela, enquanto 91% disseram não conhecer Lygia Bojunga.

Os resultados do gráfico cinco ressaltam a importância de se trabalhar Lygia Bojunga ainda no ensino fundamental. Apesar da autora ser internacionalmente reconhecida pela excelência de suas obras, ainda é pouco conhecida pelos leitores brasileiros, principalmente aqueles que ainda estão na escola, como mostra o resultado acima.

Bojunga não é uma autora que se deve esquecer, além da temática de suas obras, que são voltadas para a junção do imaginário com o real, a autora se preocupa em fazer com que suas obras realmente se conectem com os seus leitores. Marchi (2000) diz que:

O leitor desempenha um papel fundamental nas narrativas de Lygia, pois elas promovem a sua ativação [...] na medida em que promovem o questionamento dos estereótipos, seja no que concerne às convenções literárias ou às circunstâncias literárias de onde provém o destinatário. (MARCHI, 2000, p.198)

A autora traz tanto em seus romances quanto em seus contos, realidades às vezes mais fantasiosas, às vezes menos, mas quase sempre com um protagonista e um desenrolar de fatos que fará com que seu leitor reflita de alguma forma sobre a realidade que o cerca.

Tabela 1 - O que você mais gostou do conto?

Alunos	Respostas
Aluno 1	Eu gostei dos pontos engraçados e alguns pontos importantes que me fizeram refletir, e de me sentir no lugar dos personagens na hora da leitura.
Aluno 2	Do enredo e pelo fato de uma criança ser a personagem principal.
Aluno 3	Quando Turíbio Carlos (Tuca) e Rodrigo viram amigos.
Aluno 4	A parte que Turíbio leva Rodrigo para sua casa.

Aluno 5	Gostei de como Rodrigo conta seu dia a dia para seu amigo Guilherme.
Aluno 6	Do personagem Turíbio Carlos.
Aluno 7	O que eu mais gostei foi de quando Guilherme falou tudo bem.
Aluno 8	Quando o Tuca derrubou o bife na casa de Rodrigo.
Aluno 9	Quando o personagem Turíbio Carlos ganhou uma bolsa para estudar em uma escola particular.
Aluno 10	Gostei da leitura compartilhada.
Aluno 11	A parte das diferenças sociais entre o Turíbio e o Rodrigo. Isso acontece muito na vida real.
Aluno 12	O modo como o conto foi escrito.
Aluno 13	Quando Tuca e Rodrigo viram amigos.
Aluno 14	O fato de os meninos não deixarem de ser amigos apesar das diferenças sociais.
Aluno 15	A amizade de duas crianças com diferentes classes sociais.
Aluno 16	Da leitura compartilhada, e do final imaginário que a autora deixou.
Aluno 17	Gostei muito dos personagens e dos bons momentos da história que não será esquecida por mim.
Aluno 18	Em que o Tuca derruba o bife no tapete.
Aluno 19	A amizade de Rodrigo e Tuca, um rico e o outro pobre.
Aluno 20	(Não respondeu)

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)

A tabela número um refere-se ao que os alunos mais gostaram no conto lido. Elaboramos essa pergunta de maneira discursiva para que pudéssemos deixar os alunos mais à vontade para se expressarem e assim conseguirmos observar suas considerações sinceras sobre o conto.

Ao observarmos as respostas dos alunos, notamos que uma parte deles conseguiram fazer uma leitura mais imersa no conto. Usemos como exemplo o entrevistado um, que relatou ter se colocado no lugar dos personagens. É de suma importância que os alunos conseguissem se pôr no lugar dos personagens, visto que, o conto trata de questões sociais, como a desigualdade existente na sociedade brasileira. Araújo (2015) fala em seu texto que o conto transmite situações do cotidiano e as diferenças sociais se encaixam nessas situações:

O conto é um dos gêneros prosaicos mais populares da Literatura e a pertinência de colocá-lo em cena na sala de aula está no fato de o mesmo ser produzido à luz das situações cotidianas, das práticas sociais situadas na história da humanidade, das vivências, dos acontecimentos. Sua natureza condensada permite uma leitura mais rápida e resultados interpretativos mais positivos. (ARAÚJO, 2015, p.4)

Portanto, é importante que os alunos façam essas ponderações, visto que, uma das maneiras mais eficientes de pensar sobre a realidade que nos cerca é se colocando no lugar do outro.

O entrevistado número 11 menciona justamente essa questão das diferenças sociais quando diz que o momento do conto que ele mais gostou foi “a parte das diferenças entre Turíbio e o Rodrigo, isso acontece muito na vida real”. Aqui o aluno fala sobre a desigualdade financeira existente entre os dois personagens, pois um é rico e outro é pobre, ele ressalta ainda que esse é um fato bem comum na nossa sociedade.

Relatos semelhantes são vistos nas falas dos entrevistados 14, 15 e 19, que responderam respectivamente, “da parte em que os garotos não deixariam de ser amigos por diferenças sociais”, “A amizade de duas crianças com diferentes classes sociais” e “A amizade dos dois, um rico e outro pobre”. Isso nos mostra que os alunos foram capazes de fazer alusões pertinentes das situações fictícias da vida dos personagens com a de muitas crianças e adultos da realidade.

Tabela 2 - Sobre seus hábitos de leitura completa: eu leria mais se...

Alunos	Respostas
Aluno 1	Se o conto tivesse um final.
Aluno 2	Se o texto tivesse sentido e tivesse um final legal.
Aluno 3	Se eu tivesse paciência.
Aluno 4	Se eu gostasse.
Aluno 5	Tivesse pipoca.
Aluno 6	(Não respondeu).
Aluno 7	Se fosse sozinha.
Aluno 8	Eu estivesse sozinha em um lugar.
Aluno 9	Se não escutasse muita zoada.
Aluno 10	Se morasse sozinha.
Aluno 11	Fosse sozinha.
Aluno 12	Tivesse mais conteúdo.
Aluno 13	Tivesse mais contos.
Aluno 14	Eu tivesse livros de leituras interessantes como o conto O bife e a pipoca.
Aluno 15	Se tivesse livros físicos e não em PDF.
Aluno 16	Eu tivesse mais livros.
Aluno 17	Tivesse mais leituras como a do conto, porque eu simplesmente amei, não esquecerei nunca.

Aluno 18	O texto fosse do gênero romance.
Aluno 19	Se fosse uma história com mais ação.
Aluno 20	Se o conto tivesse mais páginas.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)

A tabela número dois traz as respostas dos alunos diante do questionamento sobre o que os faria ler mais? Notamos que as respostas variam muito, mas a maior parte pode ser encaixada em três situações: os alunos que gostam de ler no silêncio, aqueles que sentem falta de mais livros e aqueles que gostam mais de um gênero específico e gostariam de ter mais acesso a textos daquele gênero.

O problema do acesso a uma variedade grande de livros, principalmente a livros físicos, é um grande obstáculo a ser superado, durante outros questionamentos, alguns alunos disseram sentir falta de investimento tanto na biblioteca da escola quanto em bibliotecas públicas. Lajolo (2001, p.60) ressalta que: "[...] depoimentos lamentam a precariedade da presença de livros e de leitura dentro e fora da escola na vida dos bem-nascidos, o que esperar das relações que com a escrita e a leitura mantinham brasileiros pobres?". Tem-se a ideia que as escolas privadas e as pessoas financeiramente mais favorecidas têm mais acessos a livros e a leitura, mas se essa parcela da população também tem encontrado dificuldade, mais difícil é ainda para aquelas pessoas que enfrentam obstáculos até para acessar a escola pública.

O alto preço do livro físico hoje em dia também diminui o acesso a ele, fazendo com que muitas pessoas só tenham contato com ele na escola e como destaca Cademartori (2012):

Nem todo mundo tem gosto, sensibilidade, interesse para ser leitor de livros literários. Há quem goste de ler livros informativos, livros técnicos, best-sellers, mas não se interessa por literatura. E há também quem nunca vai ler coisa alguma, simplesmente porque não gosta. (CADEMARTORI, 2012, p.91)

A escola se depara então com uma variedade muito diferente de leitores, cada um com seu gosto para leitura e muitas vezes, ela carente de recursos, não tem como promover o acesso a livros que agradam a todos.

Enxergamos em projetos de leitura a oportunidade de proporcionar um pouco mais o contato dos alunos com materiais de leitura, como foi com “O bife e a pipoca”. É de certo que os alunos não se disponibilizariam tanto pra ler se o material fosse apenas em um formato digital.

Tabela 3 - Sobre seus hábitos de leitura complete: eu não gosto de ler quando...

Alunos	Respostas
Aluno 1	Tem outras pessoas atrapalhando a minha leitura, isso tira meu foco e entendimento.
Aluno 2	Quando não estou com vontade.
Aluno 3	Eu estou triste.
Aluno 4	Estou com muitas pessoas.
Aluno 5	Estou com fome.
Aluno 6	Todos os dias.
Aluno 7	Estou assistindo.
Aluno 8	Quando estou perto de muita gente.
Aluno 9	Quando estou ocupada.
Aluno 10	Não tem ninguém em casa.
Aluno 11	Eu estou muito cansado de fazer alguma coisa.
Aluno 12	Estou cansado ou doente.
Aluno 13	Eu estou assistindo.
Aluno 14	Estou com preguiça, mas leio mesmo assim.

Aluno 15	Quando romantizam o preconceito.
Aluno 16	Está a noite.
Aluno 17	Estou sendo atrapalhada.
Aluno 18	O conto é muito grande
Aluno 19	Tem muito romance.
Aluno 20	Estou deitada ou andando.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)

A tabela número três é referente ao questionamento sobre quando é que os alunos não gostam de ler. Em síntese, constata-se que os principais fatores giram em torno da quantidade de páginas de uma obra, desânimo em ler determinado gênero, além de não se sentirem muito à vontade em ler quando há algumas pessoas por perto, ou seja, alguns alunos ainda possuem receio em praticar a leitura em conjunto, porém ao serem encorajados pelo professor, podem vencer esse obstáculo e deixar de lado a timidez e a insegurança.

Diante disso, percebe-se a necessidade do docente promover leituras compartilhadas entre seus alunos para que, assim, o estudante possa estar cada vez mais confortável e habituado a ter voz na sala de aula.

A roda de leitura é uma excelente opção de atividade para apresentar diferentes gêneros textuais aos estudantes. Torna-se interessante um debate sobre uma obra que relata a nossa realidade e o gênero textual conto poderá ser bem aceito pelos alunos, pois se adequa a escrita e a linguagem deles. O professor deve investigar se o aluno compreendeu a leitura, levando-o a refletir e a buscar informações presentes ou implícitas no texto. Segundo Pullin e Moreira (2008):

Para que um texto tome vida, há que o leitor não só reconheça as informações pontuais nele presentes, mas que aprenda quais sentidos foram produzidos por quem as escreveu. Levantar hipóteses e produzir inferências, antecipe aos ditos no texto e relacione elementos diversos, presentes no mesmo ou que façam parte das suas vivências como leitor. Ao assim proceder, o leitor compreenderá as informações ou inter-relações entre informações que não estejam explicitadas pelo autor do texto. (PULLIN; MOREIRA, 2008, p.35)

Em suma, muitos discentes apenas leem os conteúdos didáticos e não oferecem a devida importância a leitura fora da sala de aula, o que acaba gerando o desinteresse pelo ato de ler. Logo, o aluno deve descobrir a capacidade leitora desde a Educação Infantil através de jogos educativos e leituras inventadas por meio de imagens, bem como ser incentivado durante toda a educação básica.

7 CONCLUSÃO

Neste trabalho, abordamos como a leitura do conto “O bife e a pipoca” pode influenciar no hábito de leitura dos estudantes. Podemos dizer que apesar do incentivo constante nesse quesito, as instituições de ensino, a família e a sociedade ainda têm um longo percurso a seguir, visto que muitos dos alunos ainda enxergam a leitura apenas como uma ferramenta para atingir as notas exigidas pela escola.

Ao darmos início ao nosso projeto observamos que os alunos estavam bem entusiasmados para participar de uma atividade nova como a roda de leitura, isso porque eles já não se sentiam muito animados para participar de tarefas rotineiras. Logo, o projeto pôde se desenvolver sem nenhum grande empecilho.

O conto escolhido foi bem recebido pelos estudantes, principalmente por contar com personagens jovens, com idades semelhantes às deles. O tema, que aborda uma amizade que resistiu às diferenças sociais entre os dois personagens, também chamou muito a atenção desses estudantes.

Porém, mesmo com o entusiasmo demonstrado na sala de aula, notamos que os alunos não tomaram a iniciativa de ler o conto em casa. O que levanta uma questão, tentar entender o porquê desse comportamento. Estabelecemos algumas hipóteses baseadas em suas respostas aos questionários, talvez esses estudantes realizam tarefas em casa que os deixam cansados, moram com muita gente e não conseguem o silêncio que almejam ou são distraídos pela tecnologia, pois alguns afirmam não gostar de ler quando estão assistindo.

Logo, conclui-se que a família precisa trabalhar em conjunto com a escola para conseguirmos superar o problema que é a falta de leitura dos estudantes. Vale salientar que o primeiro contato dessas crianças com os textos e os contos costuma acontecer em casa, principalmente através da contação de histórias, por isso a união entre as duas instituições pode ser bem eficiente.

Este trabalho contribuiu para conhecermos mais sobre o hábito de leitura dos alunos, sobre como ele é formado e o que pode interferir nele. Durante a leitura do conto, os objetivos propostos por essa pesquisa foram cumpridos de maneira satisfatória. Os alunos conseguiram apresentar análises eficientes, que relacionavam o conto lido ao conhecimento que eles possuem sobre o mundo. Como no seguinte caso: determinado aluno expôs que em uma situação real, os pais de Rodrigo receberiam Tuca em casa com desconfiança, ou até mesmo com um certo preconceito

por ele vir de onde ele vem. O mesmo aluno também opinou que os pais do garoto também não permitiriam que o filho subisse o morro. O aluno conciliou de maneira eficiente o que ele leu no conto, com a realidade que ele de alguma maneira, já conhecia.

No mais, é interessante mencionar que durante as semanas da realização do projeto, os alunos se interessaram pela leitura através do conto de Lygia Bojunga, mas é necessário um trabalho mais contínuo e longínquo para que se possa observar com certeza que esse interesse se manteria.

Portanto, percebe-se que o trabalho com a leitura deve ser contínuo. É preciso que se resgate o prazer em ler, pois a leitura é libertadora e é através dela que podemos nos tornar cidadãos conscientes acerca da sociedade que nos rodeia, é ela que nos dá o poder de conhecer novos mundos e novas histórias.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fany. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: scipione, 1997.
- ALVES, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- ANTUNES, Márcia Irande. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola, 2009.
- ARAÚJO, M. J. F. S. **Práticas Literárias na escola a partir do Gênero Conto**. Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura, v. 11, n. 18, 2015.
- BELLENGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Àtica, 2004.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/SEF, 1997.
- BOJUNGA, Lygia. **Tchau**. 17. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2005.
- CADEMARTORI, Ligia. **O professor e a literatura: para grandes, médios e pequenos**. 2. ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2012.
- CAVALCANTE, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2002.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.
- ELIAS, José. **Literatura Infantil: ler, contar e encantar criança**. Porto Alegre, Mediação, 2007.
- FIAMONCINI, Mazilda. **Do bife à pipoca: conexões além do possível**. Revista Linguagem em (Dis)curso, volume 1, número 2, jan./jun. 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 44.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GATTI, B. A. **Estudos quantitativos em educação.** Educação e Pesquisa, São Paulo, SP, v. 30, n. 1, p. 11-30, jan, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6 ed. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2008.

GOTLIB, Nádya B. **Teoria do Conto.** 5. ed. São Paulo: Ática, 1998.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil.** 5. ed. São Paulo, 2020.

KNECHTEL, Maria do Rosário. **Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada.** Curitiba: Intersaberes, 2014.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** 6. ed. São Paulo: Ática, 2001.

LAJOLO, M., ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira: história & histórias.** 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

LUIZ, F.T., FEBA, B. L.T. **Poéticas em debate: Monteiro Lobato (1882-1948) & Lygia Bojunga (1932-).** In: Via Atlântica, São Paulo, n. 26, p. 151-165, 2014.

LUNA, Jairo Nogueira. **Literatura InfantoJuvenil.** 2. ed. Recife: UPE/NEAD, 2012.

LYRA, Thayná Aparecida de Almeida; JÚNIOR, Silvio Nunes da Silva. **O GÊNERO CONTO NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: a partir de uma sequência didática.** Revista Entre Saberes, Práticas e Ações, Palmeira dos Índios, AL, v.1 n.1, p.1-180, mar./jun. 2021.

MARCHI, Diana Maria. **A literatura infantil Gaúcha: uma história possível.** 1 ed. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000.

MENDES, Teresa. **Literatura Infantojuvenil: leituras e perspectivas.** Cotia, São Paulo: Editora Cajuína, 2020.

SANTOS, Liliane Lenz dos; PINTO, Aroldo José Abreu. **O BIFE E A PIPOCA, DE LYGIA BOJUNGA**: opção pela emancipação do leitor. RELVA, Juara/MT/Brasil, v. 3, n. 1, p. 143-156, jan./Jul. 2016.

PULLIN, Elsa M. M.P.; MOREIRA, Lucinéia de S. G. **Prescrição de leitura na escola e formação de leitores**. Revista Ciências & Cognição, 2008.

RANGEL, E. O.; ROJO, R. H. R. **Língua Portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. V.19.

SANDRONI, Laura. **De Lobato a Bojunga**: as reações renovadas. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

SANTOS, Rita de Cássia Simões Pecego dos. **A leitura de contos no ciclo II do Ensino Fundamental**: a vivência dos adolescentes em diálogo com a literatura. Taubaté, São Paulo, 2009.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Concepções de leitura e suas consequências no ensino**. PERSPECTIVA. Florianópolis, v.17, n. 31, p. 11 - 19, jan./jun. 1999.

_____ **Conferências sobre leitura**: trilogia pedagógica. 2 ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2005.

SOUZA, Gloria Pimentel Correia Botelho de. **A Literatura Infanto-Juvenil Brasileira Vai Muito Bem, Obrigada!** São Paulo: DCL, 2006.

ZULIM, Leny Fernandes. **Literatura no ensino fundamental**: da teoria às práticas em sala de aula. Londrina, PR: Amplexo Editora, 2011.

ANEXOS

ANEXO A – Alunos durante a roda de leitura



Fonte: as autoras (2022)

ANEXO B – As autoras do trabalho



Fonte: as autoras (2022)